

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

### ANA TERRA: DO NÚCLEO E NEBULOSA À CASA E A RUA, MARCAS DA ORDEM PATRIARCAL NO ROMANCE DE ÉRICO VERÍSSIMO

Ivan Lucas Borghezan Faust<sup>1</sup> (UTFPR)  
e Marcos Hidemi de Lima<sup>2</sup> (UTFPR)

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise da obra *Ana Terra*, de Érico Veríssimo, no qual se procura identificar espaços na narrativa que deixam evidentes as marcas de ordem patriarcal, vistas pelos estudos de Roberto Reis e Roberto DaMatta. Estes teóricos nos ajudam a elucidar as questões de patriarcalismo, sob os estudos de núcleo e nebulosa e pelas esferas sociais da casa, da rua e do outro mundo. A obra enquadra-se no regionalismo de 30, debruçando-se acima do mundo rural e apresentando personagens detentores de poder com figuras ao seu redor que representam os desvalidos ou com pouco prestígio social. Ressalta-se também que a personagem Ana Terra está representada na posição de mulher inserida em um contexto imoderadamente machista e, com base também em outros teóricos, verifica-se que o sistema patriarcalista favoreceu ao homem, o qual mantinha controle sobre a mulher. Como resultado, constata-se que elementos da narrativa atestam o sistema patriarcal, evidenciados nas esferas sociais (a casa, a rua e o outro mundo), mostrando-nos como se davam as relações interpessoais no meio em que estavam inseridos e, por meio da dicotomia núcleo e nebulosa, mapeiam-se as personagens na estrutura do romance.

PALAVRAS-CHAVE: Patriarcalismo; Ana Terra; feminilidade.

O romance regionalista brasileiro, ou “romance de 30”, historicamente surgido a partir de 1928, originou-se pela produção de uma literatura que trouxesse à tona a antítese realista de um período em que havia uma política desenvolvimentista com vistas à modernização do Brasil, ao passo que se encobria um quadro social arcaico, porém vasto, diversificado e difícil de ser superado. Consequentemente, é nesse contexto caracterizado por pontos em desenvolvimento (urbanização) e por outros em contínua decadência localizada no espaço rural e envolvida pelo sistema patriarcal (regionalismo) que escritores interessados pelas questões regionalistas como,

---

1 ivanlucasfaust@hotmail.com – <http://lattes.cnpq.br/0331698741695530>

2 marcos\_hidemi@yahoo.com.br – <http://lattes.cnpq.br/0230003569520230>

por exemplo, Rachel de Queirós, Jorge Amado e Graciliano Ramos, produziram suas obras com o intuito de trazer para a literatura questões sociológicas do regionalismo brasileiro, pondo em evidência um novo experimento à nossa Literatura.

Nesse sentido, no romance regionalista *Vidas Secas* (1938), por exemplo, o teor rural/agrário está presente ao apresentar a difícil vida do sertanejo enfrentando a seca no nordeste brasileiro. Érico Veríssimo, durante a década de 1930, também colaborou com o acervo dessa literatura, escrevendo obras como *Clarissa* (1933) e *Caminhos cruzados* (1935), que apresentam a temática social com um tratamento crítico à sociedade brasileira, principalmente no que tange ao contraste da riqueza e da pobreza. Contudo, será em *O Tempo e Vento – O Continente I e II* (1949), *O Retrato I e II* (1951) e *O Arquipélago I, II e III* (1961) que podemos apreciar a abordagem regionalista desse autor. O romance conta uma história do Sul do Brasil, da ocupação do “Continente de São Pedro”, até o fim do Estado Novo.

Para este trabalho, analisaremos o capítulo “Ana Terra”, do livro *O Continente I*, editado também separadamente, em 1985, o qual retrata a vida de uma família do interior do Rio Grande do Sul, por volta de 1777, em que a vida se resumia a trabalho. Este capítulo apresenta a história da moça Ana Terra que morava com sua família num sítio, muito distante da cidade. A vida era sofrida no meio da floresta gaúcha, região fronteira. A função de Ana Terra era servir, juntamente a sua mãe, a própria família e dedicar-se ao trabalho que se incumbia às mulheres naquela situação, como cozinhar e lavar roupas no rio. A vida de Ana é marcada por uma série de tragédias, a começar quando encontra Pedro Missioneiro na sanga em que lava as roupas. Ele era um índio, que foi parar ali fugindo de desertores de um presídio, um homem pelo qual Ana se apaixona e se entrega. Consequentemente, Ana engravida, e o pai e os irmãos, seguindo a tradição de que a honra se lavava com sangue, matam Pedro e passam a rejeitá-la, passando ela a ter somente o apoio da mãe.

O filho de Ana nasce, mas o pai e os irmãos não se interessaram em tomar conhecimento do novo habitante da estância. D. Henriqueta morre e livra-se da sua sina de passar os dias trabalhando. Certo dia, os castelhanos invadem a propriedade, roubam, matam o pai e o irmão de Ana e a violentam, porém ela sobrevive, assim como sua cunhada, seu filho e sua sobrinha que haviam fugido, anteriormente, para o meio do mato. Nesta circunstância, com a plantação destruída e a casa saqueada, não havia mais nada para se fazer ali. Liderados por Ana Terra, decidem buscar um novo lugar para viverem. Dessa forma, partiram dali com outra família que passou pela redondeza, da qual receberam ajuda até chegarem a um novo povoado que seria posteriormente chamado de Santa Fé. Nesse lugar, Ana viu seu filho Pedro crescer, formar uma família e lutar em guerras contra os castelhanos, enquanto vivia como parteira.

Em torno desse enredo, buscaremos identificar espaços na narrativa que evidenciam marcas da ordem patriarcal, especialmente sob as perspectivas de Roberto Reis e Roberto DaMatta, teóricos brasileiros que nos ajudam a elucidar, respectivamente, a questão do patriarcalismo sob o estudo de núcleo e nebulosa e sob as esferas

sociais da casa, rua e outro mundo, conceitos que estão estritamente vinculados ao estudo histórico-cultural do Brasil.

Como já afirmamos neste trabalho, a narrativa do romance *Ana Terra* se estrutura em duas fases. Na primeira, a família da personagem que dá nome à obra era formada pelo seu pai, Maneco Terra, sua mãe, D. Henriqueta e seus dois irmãos, Antônio e Horácio. Já a segunda fase pode ser compreendida conforme o tempo da narrativa se passa e já não há mais a presença de alguns personagens, ocorrendo pelas mortes de sua mãe, seu pai e seu irmão Antônio, assim como o irmão Horácio que havia se casado e ido morar em região urbana, restando, portanto, Ana Terra com seu filho, sua cunhada (mulher de Antônio) e sua sobrinha.

Esta narrativa condiz com a trilha dos romances não urbanos, que se enquadram no regionalismo de 1930, como apresentamos anteriormente, uma vez que se debruça acima do mundo rural, apresentando personagens detentores de poder que apreendem ao seu redor figuras que representam os desvalidos ou com pouco prestígio no meio social. Desse segmento, resulta uma relação senhorial na história, o que inclui também questões amorosas, porém sem felicidade. Sob esse prisma, o ensaísta Roberto Reis (1987: 32, grifos do autor), argumenta que, “efetivamente, os figurantes do núcleo senhorial exercem domínio sobre os da *nebulosa*”, tendo em vista que é no centro ou núcleo que se situa a figura do senhor e patriarca, contíguo aos demais membros que habitam a casa. Por outro lado, é na nebulosa, ou periferia, que se incluem todas as demais figuras, que podem ser a esposa, os filhos e os escravos, por exemplo. Em suma, “os romances que se debruçam sobre a *nebulosa* assinalam, por sua vez, a distância do *centro*, a inferioridade daqueles a quem, afastados em demasia, apreendidos desde o *núcleo*, é cassada a aproximação” (Reis 1987: 36, grifos do autor).

O teórico ainda enfatiza a caracterização do patriarca, apresentando as palavras de Sérgio Buarque de Holanda, as quais atestam que “nos domínios rurais a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia consoante sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica” (Reis 1987: 26). No romance, a figura de Maneco Terra é a que compõe o núcleo da família, pois é ele quem representa um senhor rigorosamente patriarcal, como podemos comprovar no seguinte fragmento:

Maneco Terra era um homem que falava pouco e trabalhava demais. Severo e sério, exigia dos outros muito respeito e obediência, e não admitia que ninguém em casa discutisse com ele. ‘Terra tem só uma palavra’ – costumava dizer. E era verdade. Quando ele dava a sua palavra, cumpria custasse o que custasse (Veríssimo 1985: 8).

Em outro momento, Roberto Reis também apresenta, citando novamente Sérgio Buarque de Holanda, que a palavra família deriva de *famulus* “achando-se, por sua etimologia, estreitamente ligada à idéia de servidão”. Neste contexto, mesmo os filhos,

ainda que “membros livres do vasto corpo”, apresentam-se na condição de subordinação ao patriarca, “autoridade máxima e todo-poderosa” (Reis 1987: 27).

Podemos identificar essa relação patriarca *versus* filhos num momento de conversa durante o almoço, no qual Antônio comenta sua percepção a respeito da cidade:

– Me contaram também – prosseguiu Antônio – que a gente tem de tirar o chapéu quando passa pela frente do paço. Maneco mastigou com fúria um naco de pessegada. – Um homem só tira o chapéu na frente de igreja, cemitério ou de pessoa mais velha e de respeito – sentenciou ele, acrescentando: – Como nesta estância não tem igreja, nem cemitério nem ninguém mais velho que eu, só tiro o chapéu quando quero. Os outros não disseram nada. Comeram em silêncio a sobremesa, com olhos já meio caídos de sono. Depois os homens se ergueram e foram dormir a sesta e as mulheres puseram-se a lavar os pratos (Veríssimo 1985: 44).

Percebemos que a última palavra sempre era a do senhor Maneco, e o silêncio que imperou após suas palavras, indubitavelmente, demonstrou o nível de obediência para com o pai, aliás, tanto Antônio, como Horácio sempre “fazem o que o pai manda” (Veríssimo 1985: 64). Notamos também que o diálogo se estabeleceu, nessa situação, entre homens, entretanto, também podemos observar os atos que estão sendo desempenhados pelas mulheres, pois, apesar de terminarem o momento do almoço, apenas elas continuam no labor, enquanto os homens seguem para seu momento de descanso. Segundo Reis:

Neste quadro senhorial, e patriarcal, trespassado pela hierarquia, caberia situar a mulher, o mais das vezes sujeito ao homem, visto ser esta sociedade, focalizada pela Literatura, eminentemente masculina. A mulher, se quisermos nos circunscrever à casa-grande, não havendo outro estigma que a leve a ficar na *nebulosa* (isto é: se ela não for índia ou negra, por exemplo), fazendo parte da classe senhorial, estará sujeita à mesma hierarquia com relação ao homem. Está no *núcleo*, mas submete-se ao senhor (Reis 1987: 32, grifos do autor).

Pelo viés dessa abordagem, é possível concluir que D. Henriqueta, ainda que ocupando o posto de esposa de Maneco Terra, estava sujeita a se submeter à hierarquia em relação ao homem, ou seja, é seu marido, o patriarca, que integra individualmente a posição do topo da pirâmide hierárquica, mesmo que estando casado com Henriqueta Terra e vivendo sob o mesmo espaço. Aliás, é possível observar que na obra há poucos fragmentos relacionados a esse tema, mas que evidenciam que a relação entre eles se dava de modo mínimo, demonstrando poucos indícios de intimidade e afeto, uma vez que Maneco Terra era um homem severo e reservado, que exigia muito respeito e obediência. Um desses momentos é quando Maneco Terra descobre a gravidez da filha e D. Henriqueta o encontra chorando: “Ao entrar encontrou-o sentado, encurvado sobre a mesa, com a cabeça metida nos braços, soluçando como

uma criança. Estavam casados havia quase trinta anos e aquela era a primeira vez que ela via o marido chorar” (Veríssimo 1987: 66).

Uma delas é o momento em que Ana Terra está na sanga lavando roupa e cantarolando. Lá era o único lugar onde ela tinha coragem de cantarolar as cantigas que aprendera em Sorocaba, porque perto do pai e dos irmãos tinha vergonha. Ou seja, mesmo com sua família, com quem convivia todos os dias, ela não ficava à vontade para fazer coisas que lhe agradavam. Em outro momento, fica claro que Ana Terra obedecia e não questionava o pai, nem mesmo contava suas vontades, como no trecho em que falava à sua mãe: “O que ela precisava era mudar de vida, visitar de vez em quando o Rio Pardo, ir a festas, ter amigas, ver gente. Aquela solidão ia acabar deixando-a doida varrida... Mas na presença do pai não dizia nada” (Veríssimo 1985: 55).

Outra situação em que podemos ver esta falta de intimidade e afeto é quando o irmão de Ana Terra, Antônio, volta de Rio Pardo e dá “duas palmadinhas no ombro de Ana e Horácio, numa acanhada paródia de abraço” (Veríssimo 1985: 39). Neste trecho, vemos três estranhos, como se tivessem acabado de se conhecer e que se cumprimentam, sem nenhuma intimidade de irmãos que vivem há pelo menos vinte e cinco anos juntos, na mesma casa, todos os dias. A falta de diálogo que há dentro daquela casa reflete em todas essas ações tímidas e desconcertadas, como também atestamos, anteriormente, na passagem que relata o momento do almoço.

Ainda no que se refere aos elementos da nebulosa nesse convívio patriarcal, o falecimento da mãe de Ana Terra, D. Henriqueta, demonstra que a morte faria com que o patriarca passasse a perceber que sua esposa começaria a fazer-lhe falta, não pela saudade afetiva, mas pela necessidade de ter alguém para obedecer às suas ordens, como podemos atestar no seguinte fragmento:

Ana olhava o pai que se achava a seu lado, de cabeça baixa, ombros encurvados, tossindo muito, os olhos riscados de sangue. Não sentia pena dele. Por que havia de ser fingida? Não sentia. Agora ele ia ver o quanto valia a mulher que Deus lhe dera. Agora teria de se apoiar na nora ou nela, Ana, pois precisava de quem lhe fizesse a comida, lavasse a roupa, cuidasse da casa. Precisava, enfim, de alguém a quem pudesse dar ordens, como a uma criada. Henriqueta Terra jazia imóvel sobre a mesa e seu rosto estava tranquilo (Veríssimo 1985: 82).

Mas a situação da família Terra ainda tendia a piorar. Quando passados cerca de três anos após a morte de Henriqueta Terra, os castelhanos invadiram a propriedade, roubando, destruindo a plantação e as estruturas físicas da estância e matando os homens. Um pouco antes do massacre, Ana Terra, num ato de coragem e valentia, ordenou à cunhada fugir para o mato com as crianças para se salvarem, apenas ficou ela e sua beleza que serviu de chamariz àqueles homens que a estupraram até se sentirem satisfeitos. Nos dias posteriores, “Ana começou a temer o novo dia em que breve ia raiar. Que fazer agora? Para onde ir? Não era possível ficarem sozinhas naquele

descampado. Pensou em Horácio... Não. Não tinha coragem de ir para o Rio Pardo: o irmão podia envergonhar-se dela. O melhor era procurar outro sítio” (Veríssimo 1985: 103). Nesse momento, podemos evidenciar seu reconhecimento como sendo uma mulher e mãe solteira, sem constituição de família com um marido. Isto é, Ana Terra que já pertencia ao grupo das personagens que faziam parte dos elementos da nebulosa, agora passa a ser mais nebulosa ainda, no sentido de estar mais distante, de alguma forma, do núcleo. Isso, infelizmente, a faz compreender estar em situação desvalida com sentimento de intimidação e vergonha por aquela circunstância em que se encontrava, assim como também podemos destacar um outro cenário em que ela é apresentada ao coronel Pinto Bandeira, o qual se interessou em saber sobre sua vida: “– O menino é filho? – perguntou depois, olhando para Pedro. – É, sim senhor. – Onde está o marido de vosmecê? Ana não teve a menor hesitação. – Morreu numa dessas guerras” (Veríssimo 1985: 124), ocultando a verdade de que o pai do menino Pedro foi um indivíduo recusado por seu pai e morto pelos irmãos.

Outras marcas da ordem patriarcal que nos propomos buscar em *Ana Terra* podem ser observadas por meio do estudo do teórico Roberto DaMatta em *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* (1987), no qual são apresentados os conceitos de “casa”, a “rua” e o “outro mundo” em que ficam evidentes as características da sociedade brasileira. De acordo com DaMatta (1987: 19-45), estes conceitos além de serem considerados como espaços geográficos ou físicos da sociedade, designam entidades morais e domínios culturais institucionalizados, formando uma tríade de esferas da ação social. Esses três planos podem ser analisados no romance *Ana Terra*, seja no âmbito privado da casa, fora dela (público) ou nas questões da ordem espiritual, que separa os vivos dos mortos. Para tanto, destacaremos, a partir de agora, cada uma dessas esferas a fim de, posteriormente, identificá-las na narrativa de Érico Veríssimo.

Para DaMatta, a casa é o espaço privado em que há calma, repouso, recuperação e hospitalidade: “de tudo aquilo que define a nossa idéia de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘calor humano’” (1987: 40). Nesse sentido, a casa é o espaço onde as coisas do mundo e da rua não atingem:

Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua são, pois, abundantes numa sociedade onde casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais [...] e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira. (DaMatta 1987: 37)

É exatamente isso que podemos observar na obra de Veríssimo, pois, os Terra, ao acolherem o índio Pedro Missioneiro em mau estado de saúde, não o deixam dentro de sua casa, mas no galpão da propriedade: “Fê-lo dormir no galpão a primeira noite” (Veríssimo 1985: 23). Mesmo dias após estar na estância, Pedro ainda é visto com

desconfiança, acaba ficando por ali, mas constrói sua própria casa afastada da casa dos donos da propriedade: “E assim Pedro Missioneiro foi ficando na estância dos Terras, e passou a morar numa barraca de taquara coberta de palha, que ele mesmo ergueu na encosta da coxilha, não muito longe da sanga” (Veríssimo 1985: 26). Eles o tratam, portanto, como um ser isolado neste espaço em que estão inseridos, conforme a acepção de “indivíduo” de Roberto DaMatta (1987: 56), a qual se refere a um sujeito qualquer inserido em uma grande massa, diferente da acepção de “pessoa”, que se refere aos que detêm consideração e respeito no meio em que vivem. Pedro é tratado como alguém que não faz parte da família e que talvez nunca viesse a fazer, como Ana Terra presumia quando se deu conta de sua gravidez e refletia de que forma contar a seus pais e irmãos: “Temia também que os homens da casa cometessem alguma violência. Eles tratavam Pedro como um ser inferior e não lhes passaria nunca pela cabeça a idéia de que Pedro Missioneiro jamais pudesse fazer parte da família” (Veríssimo 1985: 60).

Além do nítido contraste entre casa e rua, é de casa que vem o casamento, assimilando um ato que representa a vida conjugal e harmônico ao espaço da residência. Isso justifica o que Roberto DaMatta (1987) chama de ato violento quando algum membro que constitui a casa é posto para fora dela, uma vez que, quando há expulsão, há a transformação da pessoa em indivíduo, privando-o dos laços da familiaridade e hospitalidade.

Por outro lado, o autor distingue o espaço da rua como aquele que apresenta movimento e fluidez, ou seja, o inverso da casa, pois é na rua que se constitui o espaço público definido como terra do governo, além de também ser caracterizado como um local perigoso:

o espaço público é perigoso e como tudo que o representa é, em princípio, negativo porque tem um ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora. O ponto crítico da identidade social no Brasil é, sem dúvida, o isolamento (e a individualização), quando não há nenhuma possibilidade de definir alguém socialmente por meio de sua relação com alguma coisa (seja pessoa, instituição ou até mesmo um objeto ou atividade). (DaMatta 1987: 42)

Apesar de o índio respeitar sua condição de estranho, ele tentava estabelecer meios para estreitar sua relação com os Terra buscando, possivelmente, conquistar um nível de confiabilidade com o senhor Maneco e sua família. Para tanto, ele se comportava de modo respeitoso, demonstrando obediência, como podemos constatar nos seguintes trechos:

Comeu a comida que lhe levaram e quando a noite chegou recolheu-se em silêncio ao galpão [...]. Pedro falava pouco, servia muito e só se dirigia à gente da estância quando era interpelado ou então quando pedia alguma informação ou instrução [...]. Mas Maneco e os filhos ainda não estavam convencidos de que o caboclo era pessoa de confiança. O papel que lhes fora lido, assinado por

Pinto Bandeira, podia ser autêntico, mas também podia não ser. Pelas dúvidas, eles mantinham o punhal de Pedro fechado numa gaveta, e conservavam o índio sob severa vigilância. (Veríssimo 1985: 24-25)

Sobre os indivíduos que adentram as casas na figura de uma visita, DaMatta destaca que “sempre foram um capítulo especial de nossa vida social, existindo um espaço nas casas só para elas: as salas, ou salas de visitas. O ritual de receber uma visita tinha (e ainda tem) requintes quase barrocos, pois significava abrir o espaço da casa para um estranho” (1987: 37), como acontece em *Ana Terra*; afinal percebemos que Pedro Missioneiro age como uma visita na casa dos Terra. Quando em uma noite, após o jantar, Pedro bate à porta e pede licença para entrar e tocar flauta, o índio só o faz com o consentimento de Maneco Terra, que lhe determina “– Tome assento” (Veríssimo 1985: 29), quase que lhe dando uma ordem. Como também na noite em que “O índio aproximou-se em silêncio e pediu licença para sentar-se junto deles. Maneco disse: – Tome assento. Pedro sentou-se a uns cinco passos de onde o grupo estava e ficou calado” (Veríssimo 1985: 48). Podemos perceber que um distanciamento entre os donos da casa e a visita resulta do fato de ainda ele não ter a total confiança dos donos da estância, uma vez que era visto como um humilde empregado, alguém que não merecia tanta atenção por parte deles. Para Maneco:

Lhe era ainda desagradável aos ouvidos a voz de Pedro e sua língua confusa. Além disso o fato de todos estarem escutando com atenção aquele mameluco, dava-lhe uma importância que ele não merecia. [...] A hora de deitar-se Ana ouviu a voz da mãe, que dizia ao marido: – Nunca sei quando esse índio está brincando ou falando sério. Maneco pigarreou, gemeu baixinho, estendeu-se no catre, ficou calado por algum tempo e depois resmungou: – É um mentiroso. (Veríssimo 1985: 51-53)

No que se refere à esfera do “outro mundo”, Roberto DaMatta afirma que “o mundo que chamamos de ‘real’, ou ‘este mundo’, é feito de casa e rua; mas o universo dos mortos é a esfera do ‘outro mundo’” (1987: 10). Nessa perspectiva, quando as pessoas morriam, deixariam de pertencer a “este mundo” (a casa e a rua) e passariam a vincular-se ao outro mundo, do qual “podiam não só retomar, mas também vigiar, atrapalhar ou ajudar a vida dos vivos que ficavam aqui embaixo” (1987: 103). Portanto, a morte é concebida como uma passagem de um mundo a outro, “numa metáfora de subida ou descida – algo verticalizado, como a própria sociedade” (1987: 103). Em *Ana Terra*, notamos várias passagens que se referem a esta esfera do “outro mundo”. Primeiramente, com Pedro Missioneiro, que teve uma educação religiosa e acreditava em destino, pois quando Ana lhe conta que está grávida e pede para que fuja com ela, ele diz que é “– Demasiado tarde. Voy morrer! [...] – Eu vi... Vi quando dois hombres enterraram mi cuerpo cerca dum árbol. Demasiado tarde” (Veríssimo 1985: 62). O índio acredita no que disse ter visto e não faz nada para ir contra seu destino, pois quando os irmãos de Ana vão buscá-lo para ser morto, ele “não dizia nada, não fazia nenhum gesto, não procurava fugir, sabia que era seu destino ser morto e enterrado ao pé duma árvore” (Veríssimo, 1985: 68).



Uma segunda referência ao outro mundo ocorre quando Ana Terra entende o mundo dos mortos de forma simples e direta. Diz que a morte trouxe para sua mãe um descanso, que ela não teria em vida. No enterro de dona Henriqueta, Ana Terra:

não chorou. Seus olhos ficaram secos e ela estava até alegre, porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava. Podia haver outra vida depois da morte, mas também podia não haver. Se houvesse, estava certa de que D. Henriqueta iria para o céu; se não houvesse, tudo ainda estava bem, porque sua mãe ia descansar para sempre. Não teria mais que cozinhar, ficar horas e horas pedalando na roca, em cima do estrado, fiando, suspirando e cantando as cantigas tristes de sua mocidade. (Veríssimo 1985: 82)

Em vários trechos do livro, também é mencionada a ação do vento e percebemos que Ana se referia ao “outro mundo” na passagem em que diz que esse vento parecia que trazia os mortos para perto dela:

Ana Terra estava de tal maneira habituada ao vento que até parecia entender o que ele dizia. E nas noites de ventania ela pensava principalmente em sepulturas e naqueles que tinham ido para o outro mundo. Era como se eles chegassem um por um e ficassem ao redor dela, contando casos e perguntando pelos vivos. Era por isso que muito mais tarde, sendo já mulher feita, Bibiana ouvia a vó dizer quando ventava: “Noite de vento, noite dos mortos...”. (Veríssimo 1985: 149 – 150)

No transcorrer do presente trabalho, identificamos uma relevante porção de elementos e cenas narrativas que possibilitaram atestar o sistema patriarcal na narrativa do romance *Ana Terra*. Essas evidências foram analisadas consoante os estudos de esferas sociais (a casa, a rua e o outro mundo), as quais propiciaram perceber como se davam as relações interpessoais, seja nos espaços públicos ou privados ou ainda na dimensão do outro mundo, naquele meio social em que as personagens estavam inseridas; e pela dicotomia núcleo e nebulosa pudemos mapear quais correspondências essas personagens mantinham na estrutura do romance.

Entretanto, vale ressaltar, nesse momento, o papel que a personagem Ana Terra representa na posição de mulher inserida naquele contexto imoderadamente machista. Observamos que, no início da obra, a personagem ainda jovem, com seus vinte e cinco anos, sonhava com a liberdade, mesmo sabendo que o caminho era conseguir um casamento para partir daquele lugar. Não por desprezo à sua família, mas pelo desejo de liberdade, de voltar a viver em perímetro urbano, onde acreditava haver divertimento, prosperidade, segurança, entendimento e, quiçá, felicidade. Para tanto, é interessante observar a passagem, logo no início do romance:

Ana aproximou-se da pedra onde sempre batia roupa, e depôs o cesto junto dela. Deu alguns passos à frente, ajoelhou-se à beira do poço fundo, fez avançar o busto, baixou a cabeça e mirou-se no espelho da água. Foi como se estivesse

enxergando outra pessoa: uma moça de olhos e cabelos pretos, rosto muito claro, lábios cheios e vermelhos. Não tinha sequer um caco de espelho em casa, e no dia em que pedira ao irmão, o pai resmungara que era uma bobagem gastar dinheiro em coisas inúteis. Para que queriam espelho naqueles cafundós onde Judas perdera as botas? Ana Terra sorria: a moça da sanga sorria também, e seu rosto era atravessado pelos vultos escuros dos lambaris que se moviam dentro d'água. Ana ficou a contemplar-se por algum tempo, com a vaga sensação de que estava fazendo alguma coisa muito boba, muito imprópria duma mulher de sua idade. (Veríssimo 1985: 5)

Observamos que o fragmento acima evidencia, antes de mais nada, o desejo de ser uma mulher, de quem sabe sua beleza servir para conquistar sua liberdade, o que a fez lembrar de um momento em que um homem a elogiou: “Ana Terra pensava nas palavras do guerrilheiro: ‘...precisaremos de moças bonitas e trabalhadeiras. Bonitas e trabalhadeiras. Bonitas, bonitas, bonitas...’” (Veríssimo 1985: 12). Ana Terra, quando criança, teve contato com o meio urbano, então sabia o que a cidade poderia lhe proporcionar, todavia seu destino, dentro de uma sociedade patriarcal, não permitiu que ela concretizasse seus sonhos.

Esse efeito, nas palavras de Linda Hutcheon em *A Poética do Pós-Modernismo*, retrata o modelo social presente nos séculos XVIII e XIX, quando as mulheres eram consideradas propriedade de seus maridos: “negava-se-lhes a cidadania” (Hutcheon 1991: 91). Ainda acerca do controle exercido sobre as mulheres, Maria Ângela D’Incao (2011: 223-240) afirma em seu trabalho “Mulher e família burguesa” que, na história do Brasil, o sistema patriarcalista favoreceu o homem, dotando-o de plenos poderes de controle sobre a mulher, privando-a de direitos e liberdade, tendo sua vida sob o comando e a brutalidade de um patriarca, como vimos anteriormente, quando Ana Terra sofre discriminação de seu pai após saber de sua relação com Pedro Missioneiro.

Por fim, é relevante considerar a simbologia do espelho: quando Ana Terra ganha de Pedro Terra um presente que “lhe trouxera duma de suas viagens à vila do Rio Pardo”, o tão sonhado espelho de sua juventude (Veríssimo 1985: 130). Aquele objeto, porém, refletia uma mulher estranha e diferente daquela mulher que se via refletida na água da sanga, jovem, bonita e com lábios vermelhos. Conseqüentemente, naquele momento, Ana Terra viu-se como uma mulher que carregava muitos sofrimentos, o que a deixou cada vez mais amargurada com o passar dos anos. Dessa forma, a palavra de seu velho pai talvez lhe tenha feito algum sentido: “resmungara que era uma bobagem gastar dinheiro em coisas inúteis. Para que queriam espelho naqueles cafundós onde Judas perdera as botas?” (Veríssimo 1985: 5), e agora, neste espelho que tinha, depois de velha, Ana via-se como uma estranha, porque a mulher refletida nele não parecia ser aquela jovem cheia de sonhos, pois seu rosto cansado pelo tempo e suas experiências fizeram-na lembrar de sua mãe, levando-a a concluir que seu pai tinha razão: era um objeto inútil.

## OBRAS CITADAS

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. Mary Del Priore (org.). 10. ed. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 223-240.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

REIS, Roberto. *A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1987.

VERÍSSIMO, Érico. *Ana Terra*. 21. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

ANA TERRA: FROM CORE AND NEBULA TO THE HOUSE AND THE STREET, PATRIARCHAL ORDER MASKS IN ÉRICO VERÍSSIMO'S NOVEL.

ABSTRACT: This study proposes an analysis of Érico Verissimo's novel *Ana Terra*, seeking to identify spaces in the narrative that highlight patriarchal order marks, as seen in studies by Roberto Reis and Roberto DaMatta. These theorists help us clarify the questions of patriarchy, as they discuss the concepts of core and nebula through the social spheres of the house, the street and the other world. This narrative belongs to the Brazilian regionalism of 30, studying the rural world featuring characters holding power and those around them with personalities representing underprivileged or with little social prestige. It is also emphasizes the character Ana Terra as represented in a position of woman inserted in an immoderately sexist context, and along with theorists we try to show the patriarchal system as favoring the man, who maintained control over the woman. As such, some narrative elements warrant the patriarchal system as evident in the social spheres (house, street and other world), showing us how interpersonal relationships were in the place in which they were inserted and through the dichotomy core and nebula mapping out the characters in the structure of the novel.

KEYWORDS: *patriarchy; Ana Terra; femininity*.

Recebido em 14 de outubro de 2017; aprovado em 2 de junho de 2018.